

AUTORES:Cláudia Dias ¹Nuno Corte-Real ¹Luís Catita ¹André Barreiros ¹Robert Brustad ²António Manuel Fonseca ¹

¹ CIFI²D, Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal

³ School of Sport & Exercise Science,
University of Northern Colorado, EUA

<https://doi.org/10.5628/rpcd.11.02.67>

Porque equacionam os jovens abandonar a prática desportiva? Estudo realizado com crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, das regiões Norte, Centro e Sul de Portugal.

PALAVRAS CHAVE:

Crianças e jovens. Desporto federado. Abandono. Intenções.

RESUMO

O presente estudo procurou compreender em maior profundidade porque é que as crianças e jovens portugueses abandonam a prática desportiva federada. Mais especificamente, o objectivo principal foi investigar as razões que levavam crianças e jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, praticantes federados de diferentes modalidades em clubes sedeados em diversas regiões de Portugal, a equacionarem abandonar a sua prática desportiva, ou seja, as suas intenções de abandono. Os dados foram considerados igualmente em função do seu sexo e da sua idade. A análise dos resultados mostrou que as intenções para o abandono se escoravam num conjunto de razões, não existindo uma razão única e determinante para os seus intentos. Entre as razões mais apontadas destacavam-se a mudança de clube/ desejo de evoluir, conflitos com os estudos e falta de tempo e de disponibilidade, bem como a falta de interesse e a saturação e desmotivação. Os rapazes enfatizavam mais que as raparigas as questões relativas à mudança de clube/ desejo de evoluir, enquanto estas pareciam privilegiar mais os conflitos com os estudos e a falta de tempo e de disponibilidade. Adicionalmente, enquanto os mais velhos pareciam equacionar terminar a sua prática desportiva no clube em que estavam inscritos por razões mais ligadas às condições funcionais e estruturais desse clube, as razões subjacentes às intenções dos mais novos estavam mais relacionadas com o facto de não se sentirem suficientemente competentes para alcançarem os objectivos previamente definidos para eles.

Correspondência: Cláudia Dias. CIFI²D, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
Rua Dr. Plácido Costa, 91, 4200-450 Porto, Portugal (cdias@fade.up.pt).

Why children and youth ponder dropping out of sport?
A study with children and youth
between the ages of 10 and 18 years old,
from the North, Center and South regions of Portugal.

ABSTRACT

The purpose of the present study was to more deeply understand why Portuguese children and youth dropout of federated sport practice. More specifically, the main objective was to investigate the reasons why children and youth of both sexes, aged between 10 and 18 years, considered dropping out of sport (i.e., dropout intentions). Sex and age differences were also analyzed. Results showed that dropout intentions stemmed from multiple causes and there was no single conclusive reason for that intent. However, the change of club/ desire to progress, conflicts with school and the lack of time and availability, as well as the lack of interest and motivation and saturation stood out amongst the listed reasons for intending to abandon sport. Boys emphasized more than girls aspects related to the change of club/ desire to progress, while girls put the accent on the conflicts with school lack of time and availability. Finally, whereas older athletes thought about abandoning their club due to its functional and structural conditions, younger athletes' intentions seemed to be more related to their perceived competence for achieving their goals.

KEY WORDS:

Children and youth. Organized sport. Dropout. Intentions.

Hoje em dia, o envolvimento no desporto organizado é encarado como um factor positivo e vantajoso para um desenvolvimento pleno e harmonioso das crianças e dos jovens, estando associado, a curto e médio-prazo, a benefícios de vária ordem (e.g., física/ biológica, psicológica, social) ^(ver 18). Adicionalmente, pode constituir-se como um veículo de promoção de uma actividade física e/ ou desportiva sustentada durante a idade adulta ⁽²⁸⁾.

Todavia, as vantagens potencialmente resultantes da prática de desporto apenas sobrevivem se a experiência desportiva, para além de ocorrer num contexto que reúna as condições necessárias para a sua consecução ^(13, 14), for desenvolvida de modo regular, sistemático e continuado. Por outras palavras, importa que o envolvimento das crianças e dos jovens no desporto se prolongue durante um período mínimo de tempo, num contexto que promova experiências positivas e minimize experiências negativas ^(18, 39). No caso específico do desporto organizado acresce considerar a enorme quantidade de tempo, esforço e recursos (financeiros, materiais e humanos) que aí são despendidos - muitas vezes apenas para os atletas desistirem 'a meio' ⁽⁴⁴⁾ -, investimento que acentua a importância do desenvolvimento e promoção de condições que mantenham as crianças e jovens envolvidos na prática de desporto.

Porém, numa tendência que parece ser similar em todo o mundo ocidental, e que se tem mantido estável ao longo das últimas duas décadas, o número de crianças e jovens que cessa o seu envolvimento no desporto, particularmente durante a adolescência é muito (demasiado) elevado ^(21, 33, 34, 36, 37, 45). Esta propensão fundamenta a importância do estudo do fenómeno do abandono desportivo em pormenor, designadamente no que concerne aos factores sociais e psicológicos que podem (deter)minar a prática de desporto organizado.

Uma revisão sobre a literatura e a investigação específica disponível no domínio das razões para o abandono, publicada num número anterior desta revista ⁽¹⁸⁾, evidenciou desde logo que a decisão das crianças e jovens abandonarem o desporto surge usualmente como o corolário de um conjunto mais ou menos diversificado de razões e não de uma razão isolada ⁽²⁵⁾, entre as quais se destacavam, de uma forma consistente, o conflito de interesses (e.g., escola, emprego), o interesse por outras actividades, a falta de tempo de jogo, demasiada ênfase na competição, aborrecimento, *stress* competitivo, conflitos/ experiências negativas com o treinador, ou ausência de divertimento ^(15, 21, 25, 46, 47).

Adicionalmente, importa sublinhar que não obstante as investigações na base destes resultados tenham sido criticadas por se basearem numa metodologia descritiva que derivaria em razões intuitivas, subjectivas e superficiais ⁽²⁵⁾ — geralmente era solicitado aos atletas para indicarem as razões que subjaziam e maior impacte tinham exercido na sua decisão de abandonarem a prática desportiva —, essa natureza eminentemente descritiva eventualmente acabou por se revelar extremamente útil, porquanto propiciou uma base empírica com uma sustentação conceptual mais sólida para o estudo do fenómeno do abandono a partir de uma perspectiva teórica ⁽²⁸⁾.

Deste modo, amparados pela importância do estudo das razões que levam as crianças e jovens a abandonarem o desporto, e no facto de que, em Portugal, as investigações neste domínio com atletas federados são escassas, e as que existem estão restritas a uma determinada realidade geográfica e desportiva, desenvolvemos uma primeira investigação, também ela publicada anteriormente nesta revista ^(1,2), na qual procurámos analisar a importância atribuída por crianças e jovens de ambos os sexos, ex-praticantes federados de diferentes modalidades em diversas regiões, a um conjunto de razões normalmente apontadas como as mais influentes na sua decisão de abandonarem a prática de uma modalidade desportiva. De uma forma geral, este estudo corroborou os resultados das investigações internacionais, concluindo no sentido da não existência de uma razão única e determinante para o abandono e salientando o peso, na decisão dos atletas, do escasso apoio percebido por parte de pais e amigos e da má relação com os seus treinadores, bem como dos conflitos entre a prática desportiva e outras actividades e interesses.

Todavia, considerando que a informação recolhida neste primeiro estudo se situava a jusante do processo do abandono do desporto, uma vez que se reportava às razões que levaram as crianças e jovens a abandonarem efectivamente a prática desportiva, e que, apesar de ser de extrema relevância, é escassa a informação disponível sobre o que se passa mais a montante desse mesmo processo — por exemplo, sobre o que subjaz à intenção das crianças e jovens abandonarem a prática desportiva, antes de o terem feito efectivamente —, decidimos realizar o presente estudo, com crianças e jovens que praticassem desporto, no sentido de saber se tencionavam, ou não, alterar os moldes em que o praticavam — mudando de clube, de modalidade ou deixando mesmo de praticar desporto — concentrando a nossa atenção fundamentalmente nas razões aduzidas por eles para equacionarem proceder a essa alteração, ou seja, nas suas intenções de abandono.

De facto, a literatura da psicologia tem destacado a importância do conhecimento das intenções dos indivíduos em relação às mais diversas situações ou actividades, identificando a existência de um vínculo entre a intenção e o comportamento e considerando que aquela pode reflectir a motivação e prever, com grande precisão e num certo momento no tempo, as acções sociais ⁽⁴⁰⁾. Alguns autores defendem mesmo que as intenções são preditores-chave dos comportamentos ^(1, 2). Em correspondência, e assentes na pressuposição de que se a intenção de iniciar ou continuar a prática de uma actividade permite, em grande medida, prever esse comportamento, também a intenção de deixar de praticar desporto permitirá, numa medida equivalente, prever o comportamento oposto, isto é, o abandono da prática desportiva, o estudo das intenções relativamente à prática (ou abandono) de uma actividade desportiva tem vindo a ser desenvolvido por diversos investigadores interessados no modo como os indivíduos se motivam e comportam em contextos desportivos ^(e.g., 4, 5, 19, 28, 38).

Especificamente, um crescente número de investigações tem procurado, recorrendo a diferentes enquadramentos teóricos do âmbito da motivação — como a teoria da autoterminação^(10, 11), a teoria dos objectivos de realização^(29, 30), a teoria do comportamento planeado^(1, 2), ou o modelo hierárquico de motivação intrínseca e extrínseca⁽⁴¹⁾ - prever prospectivamente o abandono desportivo analisando o papel das intenções neste processo^(4, 26, 28, 38). De uma forma geral, esses estudos atestaram o papel mediador das intenções nos efeitos da motivação sobre os comportamentos efectivos de abandono/ persistência no desporto^(4, 38), o que, de resto, é consonante com resultados semelhantes encontrados em contextos paralelos, como o escolar^(31, 42).

Porém, não obstante o inegável contributo destas investigações para o conhecimento dos processos envolvidos no abandono da prática desportiva, somos da opinião que é necessário recolher mais informação sobre as intenções de abandono, analisando de forma aprofundada o que lhes está subjacente, e que, ulteriormente, poderá estar na origem da materialização daquilo que, num dado momento, eram apenas intenções, em comportamento efectivos de abandono.

Adicionalmente, importa sublinhar que, na generalidade dos estudos desenvolvidos neste domínio, as intenções foram avaliadas através do recurso a questões fechadas respondidas numa escala de Likert nas quais era solicitado aos atletas que especificassem o seu nível de concordância com um^(31, 43) ou mais itens^(4, 26, 28, 38, 42). Ou seja, apenas se determinou até que ponto os inquiridos pretendiam abandonar a prática, mas não o porquê dessas intenções. Em contraponto, a metodologia adoptada na presente investigação, consistindo em questões abertas relativas à intenção de os atletas continuarem, ou não, a sua prática desportiva nos moldes em que a realizavam (i.e., inscritos no clube em que se encontravam) e qual a razão, ou razões, porque assim pensavam (não lhes tendo sido, portanto, fornecida nenhuma sugestão a esse respeito), poderá potenciar uma maior riqueza e diversidade de informação sobre aquilo que anteriormente referíamos estar a montante do processo de abandono, podendo mesmo possibilitar a identificação de algumas variáveis antecedentes representativas das intenções dos atletas que tenham sido, até ao momento, desconsideradas pelos investigadores da área.

De igual forma, este tipo de abordagem pode tornar possível verificar a semelhança, ou dissemelhança, existente entre as razões reportadas pelos que abandonavam efectivamente a prática desportiva e as razões indicadas por aqueles que — ainda praticando — equacionavam abandoná-la, na expectativa de que da conjugação desta informação pudessem resultar um maior conhecimento sobre possíveis estratégias para controlar o fenómeno do abandono desportivo infanto-juvenil.

Por último, sublinhe-se que se decidiu analisar os dados igualmente em função do sexo e da idade dos atletas, porquanto consideramos ser necessário recolher informação que

confirme, relativamente às intenções de abandono, os dados actualmente disponíveis relativamente às crianças e jovens que efectivamente já abandonaram a prática, e que sugere a existência de diferenças entre rapazes e raparigas ^(6, 27, 35), bem como entre atletas de diferentes idades ^(6, 31), nos motivos evocados para esse abandono.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Participaram inicialmente neste estudo 2619 crianças e jovens, de ambos os sexos (69% do sexo masculino e 31% do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, praticantes federados de diversas modalidades desportivas (e.g., andebol, atletismo, basquetebol, futebol, futsal, ginástica, *karaté-do*, natação, pólo aquático, ténis de mesa, voleibol) em clubes sedeados ao longo das regiões Norte, Centro e Sul de Portugal.

PROCEDIMENTOS

No sentido de promovermos a taxa de participação de crianças e jovens neste estudo, contactámos previamente os seus treinadores explicando-lhes os objectivos e a metodologia do estudo e pedindo-lhes que não só sensibilizassem os seus atletas para o efeito mas também que solicitassem aos respectivos encarregados de educação a necessária autorização. Depois de terem sido contactados e de terem manifestado a sua disponibilidade para participarem no estudo, os atletas, antes ou após um dos seus treinos, responderam a um questionário no qual, para além do seu sexo e idade, indicaram livremente se tencionavam, ou não, continuar a sua prática desportiva nos moldes em que a realizavam — isto é, inscritos no clube em que se encontravam — e qual a razão, ou razões, porque assim pensavam. Apenas 262 das crianças e jovens que participaram no estudo - ou seja, 10% do número total de atletas inquiridos - manifestaram a intenção de, no final da época, abandonarem a prática desportiva no clube no qual estavam inscritos. Os atletas aduziram ainda as razões subjacentes a essa sua intenção, tendo sido por isso mesmo — atendendo aos objectivos definidos para este estudo — essas as razões que foram posteriormente sujeitas à nossa análise.

Face à diversidade verificada entre as respostas recolhidas, e no sentido de melhor as classificar e interpretar, procurámos centrar-nos no modo como eram repetidas ou destacadas certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e/ ou acontecimentos, para, a partir daí, procedermos à construção das necessárias categorias de codificação. Estas categorias foram sendo construídas à medida que os dados foram sendo analisados e as unidades de registo ¹ (itens) começaram a ser semanticamente semelhantes, comparando-se, posteriormente, com as encontradas noutros estudos sobre o abandono desportivo. Finda esta primeira análise, procedeu-se à eliminação

das unidades de registo que se encontravam repetidas, obtendo-se um registo final de 105 potenciais razões para o abandono do desporto infanto-juvenil.

Seguidamente, com a finalidade de conseguir o maior rigor possível, foi constituído um júri de cinco elementos, que teve por missão distribuir as razões anteriormente identificadas pelas 16 categorias entretanto criadas: (a) conflito com os estudos (e.g., “falta de tempo para estudar”, “más notas”, “tenho aulas e não tenho tempo”, “entrada na faculdade”); (b) mudança de escola/ residência (e.g., “porque não vou estar na mesma cidade”; “devido à mudança de escola”); (c) mudança de clube/ desejo de evoluir (e.g., “gostaria de ir para um clube maior, para melhorar as minhas capacidades”, “tenho outras propostas, quero evoluir mais e tenho objectivos mais ambiciosos”, “quero ir para um clube melhor”); (d) rendimento/ progresso insuficiente (e.g., “não consigo atingir os meus objectivos”, “não saímos da mesma posição na classificação”); (e) mudança de escalão/ não existe/ não me aceitam (e.g., “no próximo ano, o clube não tem o meu escalão”, “vou ser dispensado”); (f) falta de tempo/ disponibilidade (e.g., “outras prioridades”, “não tenho tempo”, “tenho outras coisas que fazer”, “ocupa muito o meu tempo livre”); (g) conflito com outros/ clube (e.g., “porque não gosto dos atletas que trabalham comigo”, “porque vejo coisas no clube que não me agradam”, “chateiam-me no meu clube (dirigentes)”); (h) lesões (e.g., “devido a lesão”, “constantes e diversas lesões”, “porque vou ser operada”); (i) falta de interesse/ saturação/ desmotivação (e.g., “o meu desporto já não me diverte”, “porque já estou farto de praticar”, “falta de motivação”); (j) preferência por outra modalidade (e.g., “quero praticar um desporto que me realize”, “quero praticar outro desporto”); (k) conflitos com treinador (e.g., “não gosto do treinador”); (l) jogar pouco/ sentir-se discriminado (e.g., “porque sei que não iria jogar”, “somos discriminados e isso não dá vontade de jogar”, “não se joga apenas pelo valor do atleta”); (m) conflito com outras actividades/ interesses (e.g., “porque tenho mais coisas para fazer”, “outras prioridades”); (n) exigência (e.g., “cansa muito”, “os treinos são muito complicados”); (o) falta de condições (e.g., “o clube não me dá as condições necessárias para a prática”, “não nos apoiam”); e (p) incompetência percebida (e.g., “não sou bom no que faço”, “não tenho grande capacidade”, “não tenho qualidades”).

Este processo de categorização decorreu individualmente, sem que qualquer dos elementos do júri tivesse conhecimento prévio das categorizações efectuadas pelos outros, tendo sido definido como critério de inclusão de um item numa categoria a obrigatoriedade de pelo menos quatro dos elementos do júri assim o terem classificado

1 — De acordo com Bardin ⁽³⁾, “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DA AMOSTRA TOTAL

Analisando os dados na sua generalidade, podemos verificar em primeiro lugar que a intenção das crianças e dos jovens abandonarem a sua prática desportiva no clube em que estavam inscritos não se baseava apenas numa razão mas sim num leque relativamente alargado de razões e que nenhuma delas foi indicada por uma elevada percentagem de crianças e jovens (ver Quadro 1).

QUADRO 1 — Razões indicadas pelos atletas como estando na base da sua intenção de abandonar a prática desportiva: Resultados da amostra total.

RAZÃO	% DE ATLETAS QUE A REFERIU
1. Mudança de clube/ desejo de evoluir	19.7
2. Conflito com estudos	17.1
3. Falta de tempo/ disponibilidade	11.7
4. Falta de interesse/ saturação/ desmotivação	8.0
5. Mudança de escalão/ não existe/ não me aceitam	6.1
6. Jogar pouco/ sentir-se discriminado	5.7
7. Conflito com outros/ clube	4.9
8. Falta de condições	4.5
9. Conflitos com treinador	4.1
10. Falta de competência	3.8
11. Conflito com outras actividades/ interesses	3.4
12. Preferência por outra modalidade	3.0
13. Lesões	3.0
14. Rendimento/ progresso insuficiente	2.6
15. Mudança de escola/ residência	2.6
16. Exigência	1.1

Estes dados são, em grande medida, semelhantes aos encontrados noutros estudos de natureza descritiva, similares a este, os quais têm vindo efectivamente a sugerir que, de uma forma geral, a decisão das crianças e dos jovens abandonarem a prática desportiva, a exemplo do verificado igualmente acerca das razões que os levam a continuarem a

praticar desporto ^(ver 18), não se alicerçava numa única razão, nem num determinado tipo de razões, mas sim num leque relativamente alargado e diversificado de razões, tanto de natureza pessoal como situacional ou contextual ^(7, 8, 16, 22, 24). Por outro lado, a relativamente elevada dispersão de razões indicadas pode, em grande medida, decorrer da significativa heterogeneidade das crianças e dos jovens que participaram no estudo, em termos de idade, sexo, local de residência e modalidade desportiva praticada.

No que concerne ao tipo de razões mais referidas por crianças e jovens como estando na origem da sua intenção de abandonarem a prática desportiva, pelo menos no clube em que estavam inscritos, destacaram-se, acima de todas as outras, as relacionadas com o desejo de mudar de clube e evoluir, bem como as associadas aos conflitos com os estudos e à falta de tempo e de disponibilidade.

Estes resultados, para além de, uma vez mais, encontrarem eco nos resultados de outros estudos semelhantes, ao destacarem a questão dos conflitos existentes entre a prática desportiva dos jovens e as suas outras actividades, sejam elas de natureza escolar ou não, levando alguns deles a sentir que é devido à prática desportiva que não têm tempo para realizar outros dos seus interesses, ou mesmo obrigações, fornecem igualmente suporte para a importância de distinguir entre aqueles que abandonam a prática desportiva num determinado clube e não a continuam noutra qualquer clube — mesmo de outra modalidade — e aqueles que decidem abandonar um determinado clube desportivo apenas para procurarem um outro mais apropriado aos seus interesses e competências.

Na verdade, outros investigadores referiram igualmente que alguns dos atletas que tinham abandonado a prática desportiva por eles interrogados manifestaram a sua intenção de voltarem a envolver-se no desporto competitivo, praticando outra modalidade ^(20, 24), ou até praticando a mesma modalidade embora num outro clube ⁽²⁰⁾. Também Gould ⁽²¹⁾ se preocupou com esta questão, destacando exactamente a vantagem de os investigadores não considerarem todos os abandonos de uma mesma forma porquanto os objectivos a que eles obedecem são bastante distintos.

Analisando um pouco mais detalhadamente as razões agrupadas na categoria mais referida pelas crianças e jovens que manifestaram a intenção de abandonarem a prática desportiva no clube em que estavam inscritos ressalta precisamente a noção de que a este abandono não estariam associadas consequências negativas, porquanto a intenção daqueles jovens não era a de suspenderem, ou mesmo diminuírem, a sua prática desportiva mas sim a de a aumentarem na medida do possível, para, a partir daí, conseguirem ascender a níveis mais elevados de rendimento.

A este propósito será importante recordar o modelo explicativo da “Participação dos Jovens no Desporto”, desenvolvido por Gould e Petlichkoff ⁽²³⁾, e que considera uma dimensão “intensidade”, bem como a sua integração com o modelo sobre “Abandono de Jovens do Desporto”, desenvolvido pelos mesmos autores. Assim, relativamente à dimensão “inten-

sidade", de destacar, a título de exemplo, que este modelo preconiza que, se por um lado existem atletas que face ao treino árduo e difícil (e.g., uma prática de 4 a 6 horas por dia, 7 vezes por semana) desistem dessa mesma prática ou procuram continuar envolvidos na mesma embora a um nível inferior em termos de intensidade e consequentemente de objectivos, outros existem que procuram uma prática mais intensa que lhes permita atingir outro tipo de objectivos (e.g., ser campeão regional, nacional ou mundial). No entanto, se este maior empenhamento e dedicação não resultarem na consecução real dos objectivos é perfeitamente natural que as crianças e jovens tencionem desistir, o que aliás foi verificado por VanYperen ⁽⁴³⁾ num estudo realizado com jovens futebolistas: os que, no final da época, tinham tido um maior desgaste energético, sem que este fosse materializado em termos de resultados desportivos, expressaram uma grande vontade de desistir.

Muito referidas pelas crianças e jovens como estando na origem da sua intenção de abandonarem a prática desportiva no final da época foram as razões relacionadas com o conflito entre a prática desportiva e a sua carreira escolar. A necessidade de estudar mais, para assim poderem melhorar o seu rendimento escolar, considerado por eles — ou pelos seus pais — como claramente prioritário face à sua prática desportiva, a qual era entendida como absorvente de uma parte significativa do seu dia-a-dia, foi algo perfeitamente perceptível a partir da análise das suas respostas. Adicionalmente, algumas das razões incluídas na categoria da falta de tempo e de disponibilidade reflectiam igualmente a natural prioridade concedida por crianças e jovens à sua escolaridade, apenas não tendo sido incluídas na categoria anterior porque o conflito entre aquelas duas actividades não nos pareceu ser tão declarado, emergindo antes o carácter mais absorvente dos seus estudos, condicionando não explicitamente a prática desportiva mas sim o seu tempo disponível para realizar todas as suas outras actividades ou interesses.

Em todo o caso, julgamos ser importante reforçar a utilidade de os treinadores e mesmo os dirigentes desportivos ajudarem as crianças e jovens a gerirem o melhor possível as suas agendas — naturalmente com a colaboração, ou mesmo supervisão, dos respectivos pais — sob pena de esta continuar a ser uma das principais razões pelas quais muitas crianças e jovens decidem — ou outros por eles — abandonar a prática de uma modalidade desportiva.

Finalmente, embora tenham sido indicadas por uma percentagem mais reduzida de crianças e jovens, consideramos ser importante comentar a menção de razões relacionadas com a falta de interesse e a saturação e desmotivação provocada pela prática desportiva, que contrastam flagrantemente com o prazer e o divertimento que aquela mesma actividade em tempos certamente lhes proporcionou, como é possível perceber a partir do modo como foram formuladas muitas daquelas razões (e.g., "o meu desporto já não me diverte", "já estou farto de praticar", "já estou farto de jogar", "já não gosto do que faço").

Estes dados convergem com os encontrados noutros estudos, os quais referem que a falta de prazer e divertimento encontrado pelos jovens na sua prática se constitui como uma das suas principais razões para abandonarem a prática desportiva ^(7, 22, 32).

EM FUNÇÃO DO SEXO

Quando analisadas as respostas em função do sexo das crianças e dos jovens (ver Quadro 2), verificámos que para os rapazes (que constituíam 80% da amostra aqui estudada) as razões relacionadas com o seu desejo de mudar de clube e evoluir foram claramente as mais referidas, seguidas, em menor expressão, pelas relativas ao conflito com os estudos e à falta de interesse e à saturação e desmotivação provocados pela prática desportiva.

QUADRO 2 — Razões indicadas pelos atletas como estando na base da sua intenção de abandonar a prática desportiva: Resultados em função do sexo dos atletas.

RAZÃO	% DE ATLETAS QUE A REFERIU	
	rapazes	raparigas
1. Mudança de clube/ desejo de evoluir	30.1	3.0
2. Conflito com estudos	12.2	28.8
3. Falta de tempo/ disponibilidade	5.7	28.8
4. Falta de interesse/ saturação/ desmotivação	9.8	9.1
5. Mudança de escalão/ não existe/ não me aceitam	5.7	4.6
6. Jogar pouco/ sentir-se discriminado	5.7	1.5
7. Conflito com outros/ clube	2.4	1.5
8. Falta de condições	4.9	0.0
9. Conflitos com treinador	5.7	0.0
10. Falta de competência	4.1	3.0
11. Conflito com outras actividades/ interesses	3.3	6.1
12. Preferência por outra modalidade	2.4	4.6
13. Lesões	2.4	6.1
14. Rendimento/ progresso insuficiente	2.4	3.0
15. Mudança de escola/ residência	1.6	7.6
16. Exigência	0.0	1.5

Quanto às raparigas (que constituíam os restantes 20% da amostra), a análise das suas respostas permitiu verificar que as principais razões pelas quais elas equacionavam abandonar a prática desportiva no final da época se relacionavam com o conflito com a sua vida escolar e a sua falta de tempo e de disponibilidade — as quais adquiriam para elas um peso claramente superior ao verificado para os rapazes —, seguidas, em menor expressão, pelas razões relacionadas com a falta de interesse e a saturação e desmotivação provocados pela sua prática desportiva.

Curiosamente, as razões relacionadas com o desejo de mudar de clube e de evoluir, tão referidas pelos rapazes, foram muito pouco referidas pelas raparigas; do mesmo modo, interessará realçar que razões relacionadas com conflitos com o treinador ou com a falta de condições não foram sequer referidas pelas raparigas.

Estas diferenças, em nossa opinião, para além de revelarem a existência de diferentes posicionamentos por parte dos rapazes e das raparigas, em geral, face à sua prática desportiva, com os rapazes a estarem mais comprometidos com o objectivo de atingirem mais elevados níveis de rendimento e de projecção social — foram vários os rapazes que indicaram o seu desejo de abandonar o seu clube para ingressar num clube que lhe proporcionasse mais condições para poderem vir a ser profissionais do desporto — enquanto as raparigas, porventura também devido à sua normalmente mais elevada maturidade e responsabilidade na gestão da sua vida escolar, se preocupavam mais com a forma como a sua prática desportiva poderia vir a condicionar a obtenção de mais elevados níveis de rendimento escolar, isto a par de uma maior ênfase nas suas actividades sociais, por exemplo o convívio com os amigos, e de lazer (e.g., cinema, compras, *internet*).

EM FUNÇÃO DA IDADE

Quando analisámos as respostas das crianças e dos jovens em função da sua idade (ver Quadro 3), verificámos que para o grupo etário mais novo, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos (que correspondia a 9% da amostra total), as principais razões invocadas para a sua intenção de abandonarem a prática desportiva no final da época se relacionavam com o conflito com os estudos, seguidas, em menor expressão, pelas razões relacionadas com a sua falta de tempo e de disponibilidade, bem como com a sua incompetência percebida e a falta de interesse, saturação e desmotivação provocados pela sua prática desportiva.

Em contraste, quando examinámos as respostas das crianças e dos jovens mais velhos, verificámos que tanto no escalão etário dos 14 aos 16 anos (que correspondia a 50% da amostra total) como no dos 17 aos 18 anos (que correspondia aos restantes 41% da amostra), foram as razões relacionadas com o seu desejo de mudar de clube e de evoluir as mais referidas, seguidas pelas relacionadas com o conflito com os estudos e com a sua falta de tempo e de disponibilidade.

QUADRO 3 — Razões indicadas pelos atletas como estando na base da sua intenção de abandonar a prática desportiva: Resultados em função da idade dos atletas.

RAZÃO	% DE ATLETAS QUE A REFERIU		
	10/13 anos	14/16 anos	17/18 anos
1. Mudança de clube/ desejo de evoluir	4.0	23.5	22.2
2. Conflito com estudos	32.0	12.1	19.4
3. Falta de tempo/ disponibilidade	12.0	12.9	10.2
4. Falta de interesse/ saturação/ desmotivação	12.0	11.3	2.8
5. Mudança de escalão/ não existe/ não me aceitam	8.0	3.8	8.3
6. Jogar pouco/ sentir-se discriminado	0.0	5.3	8.3
7. Conflito com outros/ clube	8.0	3.8	4.6
8. Falta de condições	0.0	3.8	6.5
9. Conflitos com treinador	4.0	3.8	6.3
10. Falta de competência	12.0	3.8	1.9
11. Conflito com outras actividades/ interesses	0.0	4.5	2.8
12. Preferência por outra modalidade	0.0	4.5	2.8
13. Lesões	4.0	4.6	0.9
14. Rendimento/ progresso insuficiente	8.0	3.8	1.9
15. Mudança de escola/ residência	0.0	3.0	2.8
16. Exigência	4.0	0.8	0.9

A grande diferença entre o modo como as razões relacionadas com o desejo de mudar de clube e de evoluir (não) foram indicadas pelas crianças do escalão etário mais baixo, comparativamente ao verificado para os outros dois escalões, na nossa opinião, deve ser entendida em concomitância com a sua maior referência a razões relacionadas com a sua percepção de incompetência para a prática desportiva.

Ou seja, os dados — ainda que não de forma absolutamente conclusiva — parecem permitir pensar que enquanto os mais velhos equacionavam terminar a sua prática desportiva no clube em que estavam inscritos para procurarem um outro clube, eventualmente com outras condições funcionais e estruturais, que lhes permitisse desenvolverem e divulgarem melhor as suas competências desportivas, os mais novos equacionavam terminar a sua prática desportiva precisamente por não se sentirem suficientemente competentes para alcançarem os objectivos que eles — ou outros por eles — tinham definido para a sua prática desportiva.

Aliás, esta nossa interpretação encontra algum acolhimento na literatura e na investigação especializada neste domínio a qual enfatiza a importância assumida pelo modo como os jovens percebem a sua competência desportiva no tipo de comportamentos por eles adoptados nesse contexto, bem como o papel desempenhado neste processo pelos seus outros significativos, onde se podem identificar quer os treinadores quer os familiares e amigos.

A elevada referência ao conflito com os estudos por parte das crianças com idades mais baixas poderia, numa primeira leitura, criar alguma perplexidade, dada a sua natural menor maturidade e capacidade para organizar as suas prioridades de modo a conceder primazia aos estudos, algo mais expectável no caso dos jovens com idades mais avançadas e mais próximos da entrada na universidade, que aliás as referiram em maior percentagem do que os jovens com idades entre os 14 e os 16 anos, mas não naquelas idades.

Importará, todavia, destacar que essa referência não correspondia necessariamente ao seu próprio posicionamento mas sim ao posicionamento dos seus pais, os quais previsivelmente recebiam que a prática desportiva dos seus filhos implicasse um menor rendimento escolar. Aliás, sendo a prática desportiva algo a que as crianças e os jovens aderem com gosto e entusiasmo, preferindo outras actividades na ocupação dos seus tempos livres ⁽⁹⁾, a verdade é que muitas das vezes a punição exercida pelos pais face ao insucesso escolar dos seus filhos assenta na proibição desse tipo de actividades mais valorizadas comparativamente a outras como, por exemplo, os jogos de computador

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objectivo do presente estudo foi examinar as intenções de abandono de crianças e jovens portugueses praticantes de desporto federado, explorando se tencionavam, ou não, continuar a sua prática desportiva nos moldes em que a realizavam (i.e., inscritos no clube em que se encontravam) e qual a razão, ou razões, subjacentes às suas intenções.

De uma forma geral, os resultados demonstraram que, à semelhança do que acontece relativamente às razões reportadas pelas crianças e jovens que efectivamente cessam o seu envolvimento no desporto, aqueles que manifestavam intenção de abandonarem a sua prática desportiva no clube em que estavam inscritos ancoravam a sua intenção não apenas numa razão mas sim num conjunto mais ou menos alargado de razões. Adicionalmente, algumas das razões indicadas por uma percentagem mais elevada de crianças e jovens, designadamente as relativas a conflitos com os estudos e a falta de tempo e de disponibilidade, bem como a falta de interesse e a saturação e desmotivação, coincidiam com algumas das razões mais evocadas por crianças e jovens que abandonaram, de facto, o seu envolvimento no desporto, reforçando assim a conveniência de entender os processos intencionais e comportamentais como estando conectados de forma inextricável.

Por outro lado, os diferentes posicionamentos por parte dos rapazes e das raparigas face à sua prática desportiva - os primeiros mais preocupados com o rendimento desportivo e a projecção social e elas mais absorvidas pelo seu rendimento escolar e actividades sociais - deve ser objecto de preocupação e de definição de medidas específicas e direccionadas para a sua minimização, até porque a falta de evolução técnica e conflitos com outras actividades têm sido identificados como algumas das mais determinantes questões do abandono desportivo.

Na mesma linha, a identificação de razões distintas para atletas de diferentes grupos etários equacionarem cessar a sua prática desportiva no clube em que estavam inscritos e a continuarem num outro clube deve também ser alvo de reflexão (e acção), quer no que respeita às condições funcionais e estruturais providenciadas - especialmente no caso dos atletas mais velhos -, quer no concernente à qualidade do ambiente social e valores promovidos pelo clube e pelos outros significativos, sobretudo junto dos mais novos.

AGRADECIMENTOS

A presente investigação foi realizada com o apoio do Instituto do Desporto de Portugal, no âmbito do Programa Jovens no Desporto — Um Pódio para Todos, sendo de destacar a colaboração e suporte prestados pelo Prof. Jorge Adelino.

REFERÊNCIAS

1. Ajzen I (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes* 50: 179-211.
2. Ajzen I, Fishbein M (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
3. Bardin L (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
4. Bars HL, Gernigon C, Ninot G (2009). Personal and contextual determinants of elite young athletes' persistence or dropping out over time. *Scand J Med Sci Sport* 19: 274-285.
5. Biddle SJH, Soos I, Chatzisarantis NL (1999). Predicting physical activity intentions using goal perspectives and self-determination theory approaches. *Eur Psychol* 4: 83-89.
6. Butcher J, Lindner KL, Johns DP (2002). Withdrawal from competitive sports: A retrospective ten-year study. *J Sport Behav* 25 (2): 145-163.
7. Cruz JF, Costa F, Rodrigues RM, Ribeiro FM (1988). Motivação para a prática e competição desportiva. *Rev Port Educ* 1: 113-124.
8. Cruz JF, Costa F, Viana MF (1995). Avaliação da motivação para a competição desportiva: Estudo preliminar dos motivos para a prática e das razões para o abandono. In: Almeida L, Ribeiro I (eds.). *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (vol. 3). Braga, Portugal: APPORT e Universidade do Minho.
9. Cruz-Feliu J (1997). Factores motivacionales en el deporte infantil y asesoramiento psicológico a entrenadores y padres. In: Cruz-Feliu J (ed.). *Psicología del deporte*. Madrid: Síntesis, 147-176.
10. Deci EL, Ryan RM (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York, NY: Plenum.
11. Deci EL, Ryan RM (1987). The support of autonomy and the control of behavior. *J Pers Soc Psychol* 53: 1024-1037.
12. Dias C, Corte-Real N, Catita L, Barreiros A, Brustad R, Fonseca AM (2010). Porque abandonam as crianças e os jovens a prática desportiva? Estudo realizado com crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, das regiões Norte, Centro e Sul de Portugal. *Rev Port Cien Des* 10 (3): 100-120.
13. Duda J (2001). Achievement goal research in sport: Pushing the boundaries and clarifying some misunderstandings. In: Roberts GC (ed.). *Advances in motivation in sport and exercise*. Champaign, IL: Human Kinetics, 129-182.
14. Duda JL, Balaguer I (2007). The coach-created motivational climate. In: Jowett S, Lavalee D (eds.). *Social psychology of sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 117-130.
15. Ewing ME, Seefeldt V (1989). *Participation and attrition patterns in American agency-sponsored and interscholastic sports: An executive summary (final report)*. North Palm Beach, FL: Sporting Goods Manufacturers Association.
16. Feltz DL, Petlichkoff LM (1983). Perceived competence among interscholastic sport participants and dropouts. *Can J App Sport Sci* 8: 231-235.
17. Fonseca AM (1995). Motivos para a prática desportiva: Investigação desenvolvida em Portugal. *Agon: Revista Crítica de Desporto e de Educação Física* 1: 49-62.
18. Fonseca AM, Dias C, Corte-Real N (2010). Da participação ao abandono da prática desportiva. *Rev Port Cien Desp* 10 (2): 96-114.
19. Fonseca AM, Paula-Brito A (2001). Variables motivadoras discriminantes de la intención de practicar actividad física o deporte en estudiantes de secundaria. In: Dosal J (ed.), *Psicología y deporte de iniciación*. Ourense, Spain: Ediciones GERSAM, 55-77.
20. Gonçalves C (1996). Portugal. In: De Knop P, Engstrom LM, Skirstad B, Weiss MR (eds). *Worldwide trends in youth sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 193-203.
21. Gould D (1987). Understanding attrition in children's sport. In: Gould D, Weiss MR (eds.). *Advances in pediatric sport sciences: Behavioral issues* (vol. 2). Champaign, IL: Human Kinetics, 61-85.
22. Gould D, Feltz D, Horn T, Weiss M (1982). Reasons for discontinuing involvement in competitive youth swimming. *J Sport Behav* 5: 155-165.
23. Gould D, Petlichkoff L (1988). Participation motivation and attrition in young athletes. In Smoll FL,

- Magill RA, Ash MJ (eds.). *Children in sport* (3rd ed). Champaign IL: Human Kinetics, 161-178.
24. Klint KA, Weiss MR (1986). Dropping out and in: Participation motives of current and former youth gymnastics. *Can J App Sport Sci* 11: 106-114.
 25. Lindner KJ, Johns DP, Butcher J (1991). Factors withdrawal from youth sport: A proposed model. *J Sport Behav* 14: 3-18.
 26. Lukwu RM, Guzman JF (2011). Sport commitment and adherence: A social-cognitive analysis. *Rev Int Cienc Deporte* 7 (25): 277-286.
 27. Molinero O, Salguero A, Tuero C, Alvarez E, Márquez S (2006). Dropout reasons in young Spanish athletes: Relationship to gender, type of sport, and level of competition. *J Sport Behav* 29 (3): 255-269.
 28. Nache C, Bar-Eli M, Perrin C, Laurencelle L (2005). Predicting dropout in male youth soccer using the theory of planned behavior. *Scand J Med Sci Sport* 15: 188-197.
 29. Nicholls J (1984). Conceptions of ability and achievement motivation. In: Ames R, Ames C (eds.). *Research on motivation in education vol. I. Student motivation*. New York: Academic Press, 39-73.
 30. Nicholls J (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
 31. Otis N, Grouzet FME, Pelletier LG (2005). Latent motivational change in an academic setting: A 3-year longitudinal study. *J Educ Psychol* 97 (2): 170-183.
 32. Petlichkoff LM (1992). Youth sport participation and withdrawal: Is it simply a matter of fun? *Pediatr Exerc Sci* 4: 105-110.
 33. Petlichkoff LM (1996). The drop-out dilemma in youth sports. In: Bar-Or O (ed.). *The child and adolescent athlete: Encyclopedia of sports medicine*. Oxford: Blackwell Science, 418-432.
 34. Russell DG, Allen JB, Wilson NC (1996). Youth sport in New Zealand. In: De Knop P, Engström LM, Skirstad B, Weiss MR (eds.). *Worldwide trends in youth sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 260-274.
 35. Salguero A, Gonzalez-Boto R, Tuero C, Marquez S (2003). Identification of dropout reasons in young competitive swimmers. *J Sports Med Phys Fitness* 43: 530-534.
 36. Sallis, JF (2000). Age-related decline in physical activity. *Med Sci Sports Exerc* 32: 598-600.
 37. Sallis JF, Patrick K (1996). Physical activity guidelines for adolescents: A consensus statement. *Pediatr Exerc Sci* 6: 302-314.
 38. Sarrazin P, Vallerand RJ, Guillet E, Pelletier LG, Cury F (2002). Motivation and dropout in female handballers: A 21-month prospective study. *Eur J Soc Psychol* 32 (3): 395-418.
 39. Seefeldt VD, Ewing ME (2000). Youth sports in America: An overview. *President's Council on Physical and Sports Research Digest* 2 (11): 1-11.
 40. Terry D, O'Leary J (1995). The theory of planned behaviour: The effects of perceived behavioural control and self-efficacy. *Brit J Soc Psychol* 34: 199-220.
 41. Vallerand RJ (1997). Toward a hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. In: Zanna MP (ed.). *Advances in experimental social psychology* (vol. 29). New York: Academic Press, 271-360.
 42. Vallerand RJ, Fortier M, Guay F (1997). Self-determination and persistence in a real-life setting: Toward a motivational model of high school dropout. *J Pers Soc Psychol* 72 (5): 1161-1176.
 43. VanYperen N (1997). Inequity and vulnerability to dropout symptoms: An exploratory causal analysis among highly skilled youth soccer players. *Sport Psychol* 11: 318-325.
 44. Volp A, Keil U (1987). The relationship between performance, intention to drop out, and intrapersonal conflict in swimmers. *J Sport Psychol* 9: 358-375.
 45. Wankel LM, Mummery WK (1996). Canada. In: De Knop P, Engstrom LM, Skirstad B, Weiss MR (eds). *Worldwide trends in youth sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 27-42.
 46. Weiss MR, Petlichkoff LM (1989). Children's motivation for participation in and withdrawal from sport: Identifying the missing links. *Pediatr Exerc Sci* 1: 195-211.
 47. Weiss MR, Williams L (2004). The why of youth sport involvement: A developmental perspective on motivational processes. In: Weiss MR (ed.). *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective*. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 223-268.